

Contra a miséria neoliberal*

de Rubens Casara

A racionalidade neoliberal

Neoliberal rationality

por Tiago Santos Salgado **

O livro *Contra a miséria neoliberal*, do professor Rubens Casara, se insere em uma linha de títulos lançados recentemente¹ no Brasil que se dedicam a entender a racionalidade e as formas de efetivação do neoliberalismo. Fortemente influenciado por obras como a “Nova Razão do Mundo” (2017), de Cristian Laval e Pierre Dardot, o texto, apesar do tom ensaístico e teórico, faz com que o leitor fique com a sensação de que o autor se dedica a analisar o atual contexto brasileiro e a dramática situação pandêmica em que o livro é lançado.

É fundamental para qualquer obra que se dedique a analisar o neoliberalismo sob uma perspectiva crítica que alguns elementos sejam abordados de forma clara. O primeiro deles é a falsa ideia de que o neoliberalismo representa a ausência completa do Estado. Para os principais teóricos neoliberais, o Estado ocupa papel fundamental na instalação de uma ordem, ou nas palavras do autor, de uma racionalidade neoliberal. Nesse sentido, o Estado neoliberal é um “instrumento de transformação de toda a sociedade” (2021, p.10), que visa colonizar todo o imaginário social e disciplinar os atores sociais à lógica concorrencial de mercado.

Nesse sentido, o mercado é “apresentado como o espaço da virtude e o modelo ideal para todas as relações sociais, inclusive as amorosas e familiares” (2021, p.23), sendo que para que tal tarefa se cumpra é necessária uma nova racionalidade, ou seja, uma formação “dialética que envolve dados objetivos e construções ideológicas” que explica o fato “de uma racionalidade tornar-se adaptável a diferentes contextos” (2021, p.34), o que determina como o poder pode ser exercido.

* São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

** Doutor em História pela PUC-SP, Pesquisador do Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL/PUC-SP), São Paulo-SP, Brasil. End. eletrônico: tiago_salgado1986@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9815-2384>.

¹ É possível citar Dardot e Laval (2017); Brown (2019) e Chamayou (2020).

Outro ponto fundamental para se compreender o neoliberalismo é a sua tensa relação com a democracia. Como já apontado por outros autores, o neoliberalismo é essencialmente antidemocrático, uma vez que nasce como uma resposta ao Estado de bem-estar social europeu e tem como corpo doutrinário o objetivo de proteger os mercados dos arroubos da democracia de massas. Em outras palavras, o neoliberalismo entende a democracia apenas enquanto um arcabouço jurídico e instrumental, vazia de sentido social, entendendo a justiça social como uma ameaça ao puro funcionamento dos mercados.

Esse caráter antidemocrático do neoliberalismo deixa claro as relações entre o neoliberalismo e o autoritarismo, sendo o exemplo mais claro a ditadura chilena de Augusto Pinochet. Apesar de tocar nesse aspecto, a obra poderia se dedicar a explorar com mais profundidade as formas políticas do neoliberalismo, uma vez que ele não deve ser entendido apenas em sua forma econômica, mas também enquanto sua forma política, que pode ser, inclusive regimes que se aproximam do fascismo².

No entanto, apesar da aproximação entre o neoliberalismo e o autoritarismo, os neoliberais preferem, historicamente, manter um regime democrático que atenda aos seus interesses, apoiando regimes de exceção apenas em momentos de urgência, quando o socialismo, ou qualquer outro inimigo neoliberal, estaria prestes a tomar o poder e interromper a liberdade dos mercados. Para tal, se realiza um movimento de despolitização da economia, como se ela estivesse avessa às contradições sociais e às correlações de força que marcam a sociedade, sendo uma dimensão sujeita apenas aos paradigmas técnicos de gestão empresarial, em outras palavras, de governança.

Essa perspectiva antipolítica deve ser entendida como “a face neoliberal da política”, que visa substituir os governantes por gestores e torna o espaço público uma “questão de concorrência entre grupos de interesse” em que cada um reivindica a sua parcela de vantagens do Estado, assim, “o que é para todos, de um parque público até um direito fundamental, perde valor à luz dessa norma neoliberal” (2021, p.214).

Dessa forma, o neoliberalismo enfatiza categorias como “gestão” e “empreendedorismo”, o que escancara suas consequências para a subjetividade das pessoas:

O sujeito neoliberal, o indivíduo submetido a racionalidade neoliberal, é incapaz de se relacionar livre de qualquer propósito. Entre empreendedores não surge amizade desinteressada. Categorias como “capital humano” e a crença de que cada pessoa deve atuar no mundo da vida como um empreendedor, como empresário de si, produzem uma

² Enzo Traverso (2017) define os regimes autoritários que se aproximam em alguns aspectos do fascismo clássico de “pós-fascismos”, que pertenceriam a “regime particular de historicidade – o século XXI – o que explica seu conteúdo ideológico errático, instável e contraditório, no qual se misturam filosofias políticas e antinômicas”.

profunda mutação antropológica ao ponto de inviabilizar laços sociais (2021, p.129).

Tal situação leva ao que o filósofo Byung-Chul Han chama de “sociedade do desempenho” (Han, 2015) e acentua sintomas como o burnout e a depressão, em uma sociabilidade que gera contradição tamanha em que o trabalhador é explorado por si mesmo, em uma racionalidade de produção ilimitada, que gera a sensação de que o lucro é algo tangível a todos e que basta o constante esforço, que no caso de empreendedor de si mesmo, a auto exploração constante.

Essa dinâmica se radicaliza no universo digital, onde passamos grande parte do tempo encarando diversas telas e expostos a todo tipo de propaganda que naturaliza a racionalidade neoliberal. Essa digitalização do mundo acaba por resultar em uma perda da experiência e do real, ou seja, “uma espécie de inversão de valores em que a imagem substitui a realidade” (2021, p.186).

Em apertada síntese, pode-se afirmar que o domínio da técnica numérica leva ao empobrecimento da linguagem e da experiência, bem como o confinamento da imaginação e das capacidades sociais, com o objetivo de produzir uma formatação de cada pessoa em um ser útil e inofensivo ao sistema neoliberal (2021, p.187)

Outro elemento fundamental resgatado pelo autor é a necessidade da norma neoliberal de simplificar e fasear a história, as notícias e a ciência. Dessa forma, a simplificação da realidade opera uma recusa da complexidade do real, ou seja, Rubens Casara traça de forma clara a diferença entre o real, que está no todo, portanto, impossível de serem percebidos pelos sentidos, e a realidade (linguagem), ou seja, a realidade une “simbólico e imaginário com o objetivo de substituir o real do mundo” (2021, p.285). Assim, na norma neoliberal, a realidade é simplificada e a história suprimida para atender aos interesses dos detentores do poder econômico (2021, p.261).

A simplificação da realidade se faz necessária para emular em todas as esferas da vida a lógica concorrencial, ou seja, efetivar um capitalismo radicalizado que acaba por inviabilizar a própria natureza social do homem. Em outras palavras, aparece o Homo stupidus studipus, um sujeito que tem a linguagem empobrecida e que pensa cada vez menos, que tende a entender todas as relações como elementos econômicos e mercadológicos, em outras palavras, que naturaliza as relações capitalistas e, conseqüentemente, o machismo, o racismo, as guerras etc, acreditando apenas naquilo que confirma suas certezas. Em outras palavras, “a pós-verdade é a verdade do Homo stupidus” (2021, p.268).

Novamente a obra oferece uma contribuição importante, pois reconhece a importância política do “ignorante ou do idiota” na efetivação da normativa neoliberal e ganha contornos de alerta quando faz referência ao intelectual orgânico

da ignorância Olavo de Carvalho, uma vez que “revela o oxímoro “ignorância cultural”, típica do neoliberalismo (2021, p.279).

Portanto, o neoliberalismo, por representar um conjunto de diretrizes e normatividades que tem como objetivos atender os interesses dos donos do poder econômico necessita “colonizar o imaginário” para “impregnar o conteúdo e a significação de tudo com os valores do mercado” e, posteriormente “excluir os limites da busca pelo lucro” e atacar os princípios e práticas sociais democráticas e comunitárias (2021, p.289).

Assim, longe de limitar-se à esfera econômica, tende à totalização, isto é, a ‘fazer o mundo’, por seu poder de integração de todas as dimensões da existência humana. Razão do mundo, mas ao mesmo tempo uma ‘razão-mundo’. Uma razão, portanto, com pretensão de configurar todo o mundo. Trata-se de uma razão do mundo que convive (e necessita) de crises e do caos. A destruição e a necessária reconstrução do Estado, das sociedades, das cidades, dos sistemas de saúde e educacional, dentre outros, são funcionais ao projeto de acumulação ilimitada do capital (2021, p.166)

Em outras palavras, o imaginário neoliberal retrata o mercado como um Deus que “reduz os homens a escravos”, que trabalham incessantemente para a continuidade do sistema e para atender aos interesses dos donos do poder financeiro (2021, p.310). Ora, se o neoliberalismo tem esse caráter totalizante, fica a pergunta do porquê o autor não o considera totalitário? É sabido as disputas em torno da categoria de totalitarismo, sendo a crítica mais conhecida a destinada a definição de Hanna Arendt, que aproxima o nazismo e o stalinismo como regimes totalitários e acaba por operar a sacralização da democracia liberal como única alternativa³.

A sua maneira os neoliberais também operam a categoria de forma semelhante, em especial quando Mises credita ao fascismo um caráter redentor por ter salvado a civilização ocidental do totalitarismo bolchevique ou quando Hayek aponta a suposta relação entre o Estado provedor, o socialismo e o totalitarismo. Enzo Traverso (2017) aponta que o totalitarismo tem como função essencial “não interpretar a história e o mundo criticamente, mas sim lutar contra um inimigo”, portanto, não seria uma opção daqueles que identificam no neoliberalismo uma ameaça identificá-lo com o totalitarismo, uma categoria que faz referência as experiências mais traumáticas e violentas do século passado?

Obviamente tal operação não poderia perder seu sentido crítico de análise das contradições da realidade, mas seria uma forma de se apropriar de uma categoria que foi utilizada historicamente para naturalizar o capitalismo para denunciar a violência, ou a “guerra civil” neoliberal (Dardot *et al.*, 2021) contra os trabalhadores. Não se trata também de resgatar o fascismo histórico e relacioná-lo com o

³ A este respeito, consultar: Traverso (2017); Chasin (2000) e Cotrim (1999).

neoliberalismo, mas de reconhecer que a racionalidade neoliberal busca controlar não apenas o Estado, mas também a subjetividade das pessoas, para cumprir sua função de garantir a disciplina e a liberdade do mercado e a ordem concorrencial, mesmo que para isso seja necessário a adoção de uma necropolítica.

Por fim, se para enfrentarmos o neoliberalismo é necessário entender seu corpo doutrinário e como se estrutura a sua efetivação, a obra do professor Rubens Casara oferece uma contribuição fundamental para a análise do presente e para fomentar as discussões teóricas acerca do neoliberalismo.

Referências

- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.
- CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário*. Ubu Editora, 2020.
- CHASIN, José. *Ensaio Ad Hominem*, Tomo III-Política. São Paulo: Ensaio, 2000.
- COTRIM, Livia. *O ideário de Getúlio Vargas no Estado Novo*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- DARDOT, Pierre; GUEGUEN, Haud; LAVAL, Christian; SAUVÊTERE, Pierre. *A escolha da Guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. São Paulo: Elefante, 2021.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. Boitempo editorial, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2017.